

Português: 1ª atividade 8ª e 8B

Leitura do poema *Operário em construção* de Vinícius de Moraes

Objetivo: a atividade terá como foco a realização da leitura do texto e, inicialmente, apenas tal ato.

Operário em construção (Vinícius de Moraes)

(1) Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
Ele subia com as asas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia por exemplo
Que a casa de um homem é um templo
Um templo sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.

(2) De fato como podia
Um operário em construção
Compreender porque um tijolo
Valia mais do que um pão?
Tijolos ele empilhava
Com pá, cimento e esquadria
Quanto ao pão, ele o comia
Mas fosse comer tijolo!
E assim o operário ia
Com suor e com cimento
Erguendo uma casa aqui
Adiante um apartamento

(3) Além uma igreja, à frente
Um quartel e uma prisão:
Prisão de que sofreria
Não fosse eventualmente
Um operário em construção.
Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado

De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
– Garrafa, prato, facão
Era ele quem fazia
Ele, um humilde operário
Um operário em construção.
Olhou em torno: a gamela
Banco, enxerga, caldeirão
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão.

(4) Ah, homens de pensamento
Não sabereis nunca o quanto
Aquele humilde operário
Soube naquele momento
Naquela casa vazia
Que ele mesmo levantara
Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava.
O operário emocionado
Olhou sua própria mão
Sua rude mão de operário
De operário em construção
E olhando bem para ela
Teve um segundo a impressão
De que não havia no mundo
Coisa que fosse mais bela.

(5) Foi dentro dessa compreensão
Desse instante solitário
Que, tal sua construção
Cresceu também o operário
Cresceu em alto e profundo
Em largo e no coração

E como tudo que cresce
 Ele não cresceu em vão
 Pois além do que sabia
 – Exercer a profissão –
 O operário adquiriu
 Uma nova dimensão:
 A dimensão da poesia.

(6)E um fato novo se viu
 Que a todos admirava:
 O que o operário dizia
 Outro operário escutava.
 E foi assim que o operário
 Do edifício em construção
 Que sempre dizia “sim”
 Começou a dizer “não”
 E aprendeu a notar coisas
 A que não dava atenção:
 Notou que sua marmita
 Era o prato do patrão
 Que sua cerveja preta
 Era o uísque do patrão
 Que seu macacão de zuarte
 Era o terno do patrão
 Que o casebre onde morava
 Era a mansão do patrão
 Que seus dois pés andarilhos
 Eram as rodas do patrão
 Que a dureza do seu dia
 Era a noite do patrão
 Que sua imensa fadiga
 Era amiga do patrão.

(7)E o operário disse: Não!
 E o operário fez-se forte
 Na sua resolução

(8)Como era de se esperar
 As bocas da delação
 Começaram a dizer coisas
 Aos ouvidos do patrão
 Mas o patrão não queria
 Nenhuma preocupação.
 – “Convençam-no” do contrário
 Disse ele sobre o operário
 E ao dizer isto sorria.

(9)Dia seguinte o operário
 Ao sair da construção
 Viu-se súbito cercado

Dos homens da delação
 E sofreu por destinado
 Sua primeira agressão
 Teve seu rosto cuspido
 Teve seu braço quebrado
 Mas quando foi perguntado
 O operário disse: Não!

(10)Em vão sofrera o operário
 Sua primeira agressão
 Muitas outras seguiram
 Muitas outras seguirão
 Porém, por imprescindível
 Ao edifício em construção
 Seu trabalho prosseguia
 E todo o seu sofrimento
 Misturava-se ao cimento
 Da construção que crescia.

(11)Sentindo que a violência
 Não dobraria o operário
 Um dia tentou o patrão
 Dobrá-lo de modo contrário
 De sorte que o foi levando
 Ao alto da construção
 E num momento de tempo
 Mostrou-lhe toda a região
 E apontando-a ao operário
 Fez-lhe esta declaração:
 – Dar-te-ei todo esse poder
 E a sua satisfação
 Porque a mim me foi entregue
 E dou-o a quem quiser.
 Dou-te tempo de lazer
 Dou-te tempo de mulher
 Portanto, tudo o que ver
 Será teu se me adorares
 E, ainda mais, se abandonares
 O que te faz dizer não.

(12)Disse e fitou o operário
 Que olhava e refletia
 Mas o que via o operário
 O patrão nunca veria
 O operário via casas
 E dentro das estruturas
 Via coisas, objetos
 Produtos, manufaturas.
 Via tudo o que fazia

O lucro do seu patrão
E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca de sua mão.
E o operário disse: Não!

(13)– Loucura! – gritou o patrão
Não vêes o que te dou eu?
– Mentira! – disse o operário
Não podes dar-me o que é meu.

(14)E um grande silêncio fez-se
Dentro do seu coração
Um silêncio de martírios
Um silêncio de prisão.
Um silêncio povoado
De pedidos de perdão
Um silêncio apavorado

Com o medo em solidão
Um silêncio de torturas
E gritos de maldição
Um silêncio de fraturas
A se arrastarem no chão
E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos
Os seus irmãos que morreram
Por outros que viverão
Uma esperança sincera
Cresceu no seu coração
E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção.

<https://www.portalsaofrancisco.com.br/obras-literarias/operario-em-construcao>> acesso em 11 de março de 2020.